

Os estudos da linguagem na Idade Média: as ideias sobre sintaxe do *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa*, de Tomás de Erfurt

Alessandro Jocelito Beccari

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil
jbeccari1@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1715>

Resumo

O *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa* de Tomás de Erfurt é o texto gramatical mais completo do movimento modista (1250-1350) e a sistematização mais representativa das ideias desse movimento (BURSILL-HALL, 1971; 1972). Trata-se de um manual que seleciona e organiza boa parte do acervo das ideias originais e amadurecidas das primeiras duas gerações desse movimento (MURRAY, 1998). As teorias propostas no *Tratado sobre os modos de significar* revelam esforços consideráveis de teorização e originalidade. Por exemplo, com o intuito de oferecer uma explicação adequada da frase latina, Tomás de Erfurt faz uma analogia com a teoria do móvel da física aristotélica, utiliza a noção metafísica representada por dicotomias como “substância-acidente” e “primeiro-segundo”, e emprega a ideia de alteridade (*quod est alterum*) da lógica de Aristóteles (ca. 384-322 a.C.). Faz, assim, uma série de inovações com base em conceitos advindos da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média. Este artigo procura demonstrar que as teorias de Tomás de Erfurt não só representam um momento de continuidade (ALTMAN, 2004) ou período de ciência normal (KUHN, 2006), mas também apresentam contribuições originais para a historiografia dos estudos sobre a noção de dependência sintática e possuem uma visão pragmática da linguagem que complementa sua compreensão da sintaxe (COVINGTON, 1984; ROSIER-CATACH, 1997).

Palavras-chave: historiografia linguística; idade média; gramática; Tomás de Erfurt.

Language studies in the Middle Ages: the ideas about Syntax of the *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa* [*Treaty on the modes of signifying or speculative grammar*], of Thomas of Erfurt

Abstract

Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa [*The Treaty on the modes of signifying or speculative grammar*], of Thomas of Erfurt, is the most comprehensive grammar text of the movement of the *Modistae* (1250-1350) and the most representative systematization of the ideas of this movement (BURSILL-HALL, 1971, 1972). It is a manual that selects and organizes much of the collection of original and mature ideas of the first two generations of this movement (MURRAY, 1998). The theories proposed in the *Treaty on the modes of signifying* reveal considerable efforts of theorizing and originality. For instance, in order to provide an adequate explanation of the Latin phrase, Thomas of Erfurt makes an analogy with the theory of the *motus* of Aristotelian Physics, uses the metaphysical notion represented by dichotomies such as "substance-accident" and "first-second" and employs the idea of otherness (*quod est alterum*) of Aristotle's Logics (ca. 384-322 BC), thus making a series of innovations based on concepts arising from Late Antiquity and the Early Middle Ages. This article shows that the theories of Thomas of Erfurt not only represent a moment of continuity (ALTMAN, 2004) or a period of normal science (KUHN, 1987), but also present original contributions to the history of the studies

on the notion of syntactic dependence and have a pragmatic view of language which complements their comprehension of syntax (COVINGTON, 1984; ROSIER-CATACH, 1997).

Keywords: linguistics historiography; middle ages; grammar; Thomas of Erfurt.

Considerações iniciais

Evitar uma visão cumulativa da ciência deve ser um dos principais cuidados do historiógrafo da Linguística em seu trabalho (COELHO; HACKEROTT, 2012). Nesse sentido, é possível uma comparação informal entre teorias atuais e elaborações do passado.

As gramáticas de dependências sintáticas (*DGs – Dependency Grammars*) e as gramáticas de estrutura sintagmática (*PSGs – Phrase-Structure Grammars*) do século XX podem ser cotejadas com teorias da Antiguidade e Idade Média, por exemplo, sem que isso implique em anacronismos ou uma visão teleológica, uma vez que se assuma como hipótese de trabalho que sistematizações de épocas diferentes não sejam incomensuráveis.

A sintaxe latina do *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa*, de Tomás de Erfurt, pode ser classificada como uma Gramática de Dependência (GD). A abordagem das construções frasais do *Tratado sobre os modos de significar* possibilita, por exemplo, que essas construções sejam representadas pelos *stemmates* – representações arbóreas – dos *Éléments de syntaxe structurale* de Lucien Tesnière (1965). Tendo como premissa a possibilidade da tradição moderna da GD ser utilizada na interpretação de uma gramática modista, outros recursos da linguística do século XX, tais como representações arbóreas, quadros de oposições e abreviações podem ser utilizados na interpretação das estruturas sintáticas discutidas por Tomás de Erfurt e outros modistas. Esses recursos ajudam o historiador da linguística a entender e apresentar teorias medievais e antigas a partir de sua própria perspectiva no início do século XXI.

Na Europa ocidental, as primeiras *DGs* podem ser associadas ao trabalho dos gramáticos modistas (ca. 270-1330). Covington atribui a noção de gramática como ciência do discurso, *scientia sermonicalis*, a dois filósofos árabes medievais: Al-Farabi (ca. 872-950) e Al-Gazel (1058-1111) (COVINGTON, 1984, p. 20). Essa noção de gramática como ciência, no sentido aristotélico, é um dos princípios fundamentais do *Tratado dos modos de significar* de Tomás de Erfurt.

Os modistas, mais conhecidos como *Modistae* em publicações em língua inglesa, fizeram parte de um grupo de gramáticos que atuou em Paris entre o final do século XIII e o início do XIV (ROSIER, 1983; COVINGTON, 1984). Esses gramáticos são chamados de modistas devido ao nome genérico dos textos gramaticais que escreviam: “tratados sobre os modos de significar”. Seus trabalhos são conhecidos também como “gramáticas especulativas”, em que o segundo termo, “especulativa”, é sinônimo de “teórica”: portanto, são textos teóricos sobre a linguagem, sendo que o latim é basicamente¹ a língua de análise desses tratados. Entre os modistas mais conhecidos estão Boécio da Dácia, Martinho da Dácia, Siger de Courtrai, Radulfo Brito e Tomás de Erfurt, todos produtivos no final do séc. XIII.

¹ Exceção feita ao trabalho de Roger Bacon (ca. 1220-1292), que incluía o estudo do hebraico, do árabe e do siríaco.

O *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa*, concluído na primeira década do séc. XIV por Tomás de Erfurt, é o texto modista mais completo do ponto de vista de uma visão geral e consolidada da teoria modista, não só porque aparece no final da terceira e última geração do modismo, mas também porque possui todas as partes de uma arte gramática (metalinguagem, classes da frase, sintaxe) – algo incomum, porque os tratados modistas resumiam-se quase sempre a uma discussão das partes da frase. É também o texto modista que teve a maior fortuna: apenas para citar casos mais recentes, foi estudada por Peirce e Heidegger, que a atribuíram a João Duns Scotus (ca. 1266-1308). Devido a sua popularidade e aceitação, seu caráter sintético e pedagógico, a *Grammatica speculativa* possui grande número de manuscritos e códices remanescentes.

Covington (1984) opta pelo *Tratado* de Erfurt para uma apresentação resumida e introdutória da sintaxe dos modistas como um todo, sem atentar para problemas particulares ou questões controversas. Obviamente seria necessário estudar cada modista individualmente para uma visão das diferenças e particularidades de cada um: trabalho a que este artigo absolutamente não se impõe e que seria assunto para mais de um artigo. Neste artigo, faremos, em português e de maneira ainda mais resumida, a mesma opção que Covington fez em seu livro, no passo supracitado.

Embora erroneamente atribuída a João Duns Scotus até os anos 1920, a *Gramática especulativa* tem impacto considerável nos estudos filosóficos do final do século XIX e início do século XX. O *Tratado sobre os modos de significar* foi objeto de estudos de Charles S. Peirce e Martin Heidegger. A tese de 1916 de Heidegger intitula-se *Die Kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, mas a *Bedeutungslehre* é na verdade o *Tratado sobre os modos de significar* de Tomás de Erfurt.

Com relação aos antecedentes do modismo, além da influência árabe, havia uma tradição de comentários às *Institutiones grammaticae* de Prisciano de Cesareia (séc. VI) que remontava aos carolíngios (séc. VIII e IX), às gramáticas insulares (séc. VI e VII) e à Antiguidade Tardia (300-476 d.C.). Além disso, do ponto de vista de seus pressupostos epistemológicos e em seus métodos de análise, os modistas apoiam-se na *Metafísica* e no conjunto de obras lógicas de Aristóteles (ca. 385-321) conhecidas coletivamente como *Órganon*. Nesse sentido, a teoria modista pertence a um programa de correspondências na história dos Estudos da Linguagem (SWIGGERS, 2004).

Segundo Covington (1984), para os modistas, a culminância de um processo discursivo é a comunicação de um julgamento – da mente do emissor para a do receptor. Por conseguinte, no modelo modista, a noção de frase tem uma base funcional e não se define por meio de regras arbitrárias de boa formação. Portanto, as teorias modistas para a construção de frases representam uma abordagem que têm como fundamento uma gramática de dependência e é completada por uma visão funcional da linguagem.

Modos de significar

O pensamento de Avicena, filósofo persa do século XI d.C., teve uma importante, embora indireta, influência na definição de um conceito-chave do modismo: a noção de modo de significar. Avicena distinguiu entre termos de primeira representação como “Sócrates”, e de segunda representação como “sábio”. João Duns Scotus (ca. 1266-1308), em seu *Opus oxoniense*, fez uso dessa distinção em suas discussões do significado de termos mentais de segunda ordem como “sábio” e “sabedoria”. Na verdade, Scotus

perguntou-se qual seria a diferença de significado entre termos semanticamente próximos como “sábio” e “sabedoria”.

Por exemplo, nas frases “Sócrates é sábio” e “Sócrates é sabedoria” o que os termos “sábio” e “sabedoria” teriam em comum? Duns Scotus responde que tanto “sábio” quanto “sabedoria” fazem referência essencialmente à mesma qualidade universal, porém, “sabedoria” significa essa qualidade em si mesma. De fato, um simples teste de substituição de “sábio” por “sabedoria”, nessas frases, demonstra que esses termos não são intercambiáveis. Como explicar a diferença de significado entre esses dois termos?²

Scotus responde essa pergunta com o uso de uma distinção que é importante para o entendimento da sintaxe modista: o que distingue “sábio” de “sabedoria” não é seu significado essencial ou universal – o mesmo para os dois termos –, mas as maneiras diferentes por meio das quais esses dois termos representam aspectos distintos dessa realidade essencial. Duns Scotus e os modistas chamam essas maneiras diferentes de modos de significar (*modi significandi*). Assim, enquanto “sabedoria” significa a qualidade “possuir a sabedoria” de maneira absoluta, sem levar em conta sua inerência em qualquer “sábio” particular, “sábio” significa que uma substância singular, Sócrates, participa da qualidade “possuir a sabedoria”. Por conseguinte, de acordo com essa distinção, “sábio” significa o aspecto concreto da qualidade acidental “possuir a sabedoria” e “sabedoria” faz referência ao aspecto total, real e independente dessa qualidade – aquilo que a filosofia da Idade Média chama de universal.

Como significa tanto uma qualidade inerente quanto uma substância particular, a palavra “sábio” pode funcionar como o sujeito (substância) ou como o predicativo (qualidade) do sujeito em ocorrências de tipo “sujeito + predicado”. Já o termo “sabedoria”, que faz referência apenas a um universal, normalmente funciona como sujeito e não como predicado de uma proposição de tipo “sujeito + predicado”. Excetuam-se a construção autorreferencial “A sabedoria é a sabedoria” e construções em que se utilizem figuras de linguagem, por exemplo: “Deus é a sabedoria”.

Portanto, existem dois modos diferentes (*modi significandi*) da qualidade universal “sabedoria” em “sábio” e em “sabedoria”. A palavra “sábio” faz referência à participação de uma substância “x” na qualidade universal “sabedoria”; assim, “x é sábio” é sinônimo de “x tem parte da sabedoria”. Já a palavra “sabedoria” faz referência à posse absoluta dessa qualidade: a sabedoria absoluta é a sabedoria *per se*.

² Anselmo (ca. 1033-1109) abordou um problema semelhante em seu *De grammatico (O gramático)*, cuja pergunta principal é: “o gramático” faz referência a alguma coisa possuída por alguém, ou seja, a uma qualidade (propriedade), ou é uma substância independente? (DE LIBERA, 1998, p. 295). Para Anselmo, embora “gramátic-o” e “gramátic-a” diferenciem-se gramaticalmente apenas por letras que equivalem a suas desinências de gênero, em sentido lógico, diferenciam-se pelo fato de “gramática” significar sempre um sujeito e “gramático” significar duas coisas: diretamente, significa um predicado (um termo acidental concreto), a saber: “ser conhecedor de gramática”; indiretamente, “gramático” significa uma substância (sujeito), um possuidor desse predicado: “o conhecedor de gramática”. Segundo Anselmo, “gramático” não pode significar um sujeito de uma proposição diretamente porque é impossível pensá-lo sem o estatuto de predicado. Nesse sentido, o significado lógico (primeiro) do termo “gramático” é sempre o de um predicado. Por conseguinte, Anselmo separa o sujeito lógico do sujeito gramatical. As preocupações semânticas de Anselmo ajudaram a abrir caminho para uma tradição na filosofia da linguagem que procura esclarecer as distinções entre pensamento gramatical e pensamento lógico: os nominalistas foram os principais representantes dessa tradição no contexto medieval.

Os diferentes modos de significar de “sábio” e “sabedoria” são as causas explicativas (lógico-metafísicas) de sua classificação, respectivamente, como adjetivo e substantivo. Além disso, seus modos de significar explicam os tipos de posições que essas duas palavras podem ocupar em construções sintáticas de um ponto de vista lógico e metafísico.

A noção de modo de significar é muito importante para a teoria modista. Tomás de Erfurt, como fazem todos os gramáticos modistas, distingue entre modos lexicais e modos sintáticos: os primeiros, para classificar as palavras, os segundos, para explicar as conexões sintáticas.

Sintaxe modista

No lugar de sintagmas, como no modelo gerativo, os modistas assumiam como unidade básica de análise aquilo que chamavam de *constructio* (construção): uma união de não mais do que duas palavras. Por exemplo, uma construção pode ser a união de um nome e um verbo, como em:

(1) *Socrates currit* (“Sócrates corre”).

Trata-se, pois, de uma teoria em que as ligações entre as unidades básicas são de tipo palavra-palavra ao seguirem um modelo “item-a-item”, como nas *DGs*, e não “sintagma-a-sintagma”, como nas *PSGs*.

O princípio definidor é a noção de dependência: na relação, há sempre um item que é nuclear ou determinante (*terminans*) e outro que é dependente (*dependens*) do item nuclear ou determinante.

Há uma hierarquia entre as classes de palavras, sendo que a classe dos nomes é considerada a categoria mais alta. Isso se dá porque o nome é visto como uma categoremático, a saber: um termo que “supõe” (faz referência a) uma coisa ou um conjunto de coisas no mundo e que tem significado independente nas (e das) proposições.

Na metafísica aristotélica, uma substância antecede ontologicamente seus acidentes. Como a teoria modista faz parte de um programa de correspondências, o nome é visto como o correspondente da substância e, portanto, como anterior às outras classes de palavras, as quais expressam sentidos menos essenciais (ou mais acidentais) que o nome. Daí o nome ser hierarquicamente superior às outras classes de palavras. Uma noção do nome semelhante a essa é encontrada nas discussões do linguista dinamarquês Otto Jespersen (1860-1943) sobre as partes da frase³.

As palavras que sofrem flexão são consideradas mais nucleares que aquelas que não sofrem. Essa separação obedece ao mesmo princípio aristotélico que define a escolha do nome como categoria principal, já que os indeclináveis ou não conjugáveis não possuem os acidentes das palavras flexionáveis. Nesse sentido, as preposições,

³ Em seu *The Philosophy of Grammar*, Jespersen chama de *composite denomination* a ação de nomear qualquer coisa ou pessoa por meio de uma frase. Segundo ele, nas *composite denominations* há sempre uma palavra de importância suprema e uma ou mais palavras que a modificam e estão unidas a ela por meio do que ele chama de subordinação (*subordination*). Tais palavras são chamadas de adjuntos e são entendidas como secundárias (*secundaries*). Para Jespersen (1951), entre as classes de palavras, os nomes substantivos, entendidos como concretos, ou seja, enquanto se referem a coisas reais – como “pedra” –, e não a coisas abstratas – como “beleza” –, são o que ele denomina palavras primárias (*primaries*) das línguas.

conjunções e advérbios⁴ seriam menos substanciais e mais acidentais que nomes, verbos e participios. Vê-se nessa classificação uma clara aplicação da dicotomia “substância vs. acidentes”, oriunda da lógica e da metafísica de Aristóteles, utilizada, nesse caso, para a classificação das palavras. O uso dessa dicotomia remonta a Prisciano, como se vê nesta passagem das *Institutiones grammaticae* na qual o gramático bizantino discute o significado do pronome interrogativo *quis* (“quê”) em latim:

Huic nomini, id est *quis*, quod est interrogatiuum uel infinitum, redditur *qui* relatiuum: *quis scripsit bucolica? qui etiam georgica*. Hoc tamen, id est *quis* interrogatiuum, proprio quoque adiungitur cum uerbis substantiuis uel uocatiuis similem uim habentibus. Et pronomen etiam redditur huic: *quis est Trypho? uel quis nominatur Trypho? – ego uel tu uel ille*, uel e contrario cum pronomine adiunctum tò *quis* nomen desiderat sibi reddi: *quis est ille? uel quis uocatur? Achilles*. Et manifestum ex hoc quoque quod, quando nomini adiungitur substantiam definitam in aliqua certa persona quaerimus suppositi; hanc enim solam ostendunt pronomina quorum demonstratio sibi quoque accidentia consignificat, unde ad omne suppositum pertinent. Quando uero pronomibus iungitur *quis*, substantiam quidem intellegimus, non etiam proprietatem qualitatis, quae nomine explanatur.

Et est manifestum quod loco proprium nominum pronomina accipiuntur, cum ex eorum interrogatione proprie intelleguntur. Cum enim dico *quis es tu? uel ille?* sine dubio de quibusdam finitis hoc dico substantiis, in quibus etiam proprietates desidero scire, et cum a propriis quoque pronominatiuae redditiones fiunt: *quis est Trypho? ego uel ille*.

O *qui* relativo responde a este nome, isto é, *quis*, que é interrogativo: *quis scripsit bucolica? qui etiam georgica*. Esse *quis* interrogativo, entretanto, também se liga a um nome próprio quando os verbos substantivos ou vocativos possuem valor semelhante. Ele é respondido também por um pronome (pessoal): *quis est Trypho? ou quis nominatur Trypho? ego ou tu ou ille*. Ou, do contrário, quando um pronome se junta a *quis*, responde-se com um nome (próprio): *quis est ille? ou quis uocatur? Achilles*. Também é evidente, a partir disso, que, quando se junta a um nome suposto, buscamos a substância definida do suposto em alguma pessoa certa, que, de fato, somente os pronomes revelam – a demonstração dos quais cossignifica os acidentes; daí que (os pronomes) dizem respeito a todo suposto.

Porém, quando *quis* se associa aos pronomes (pessoais), conhecemos, de fato, a substância, mas não a propriedade da qualidade que é explicada pelo nome. E fica claro que os pronomes são tomados no lugar dos nomes próprios, quando são entendidos a partir da sua própria interrogação. Quando, com efeito, eu pergunto: *quis es tu?, ou ille?*, sem dúvida eu estou falando das substâncias definidas de certas pessoas, das quais quero saber também as propriedades, e também quando se oferecem respostas pronominais a partir de nomes próprios: *quis est Trypho? ego ou ille* (*Institutiones grammaticae* 2, 129, 5-130, 2).

Nesse excerto, é possível observar que a construção do pronome interrogativo com outras partes da frase pode revelar se a pergunta é a respeito da substância ou dos seus acidentes: quando a construção é de tipo “*quis* + verbo substantivo/vocativo + nome (próprio)” procura-se saber a respeito de uma substância e de seus acidentes; quando, porém, a pergunta é feita com o uso de uma construção do tipo “*quis* + verbo substantivo + pronome”, quer-se saber a respeito apenas dos acidentes, pois a substância já é conhecida.

Ressalte-se, nessa passagem, que o correspondente gramatical da categoria metafísica da substância é o que o Prisciano de Cesareia chama de “suposto”. O suposto (“posto debaixo de”) representa um conceito da lógica e diz respeito a um nome (substantivo, próprio ou comum) que se refere a uma ou a todas as substâncias do mundo

⁴ A interjeição é um caso especial: embora não receba flexão e, portanto, não possua acidentes, é considerada pelos modistas como portadora de uma natureza verbal – o nome no caso vocativo é interpretado como seu determinante.

por ele denominadas: por exemplo, o suposto “homem” nomeia todos os homens do passado, do presente e do futuro.

O termo técnico “suposto” terá um longo percurso na história da lógica e da gramática. Será retomado seja nas gramáticas modistas, seja como noção principal da “teoria da referência dos termos” ou “teoria da suposição” – uma das elaborações intelectuais mais interessantes da Filosofia Medieval cujo principal expoente será Guilherme de Ockham (1268-1350).

Além do par “determinante-dependente” (*terminans-dependens*), há outra dicotomia importante para a compreensão da sintaxe modista: aquela de *primum* (primeiro) e *secundum* (segundo), que é uma distinção posicional entre as partes da frase. O primeiro (*primum*) é o *constructibile* (“construtível”) que aparece linearmente por primeiro na construção – no caso de (1), o primeiro é “Sócrates”. O outro construtível de (1), “corre”, é o segundo que aparece linearmente.

Na teoria sintática modista, a importância da dicotomia “primeiro-segundo” está na relação entre ela e a dicotomia “determinante-dependente”, uma vez que a posição de cada um dos dois elementos define a transitividade da construção. Construções intransitivas são aquelas em que o determinante é o primeiro e o dependente é o segundo. Em (1), “Sócrates” é determinante e primeiro e “corre” é dependente e segundo; logo, (1) é uma construção intransitiva.

De acordo com Tomás de Erfurt, todos os tipos de construções reduzem-se a esses dois tipos: transitivas ou intransitivas:

[...] constructionum alia transitive, alia intransitiva. Et ista divisio est sufficiens, quia ad has duas differentias reducuntur omnes constructionum species. Nam retransitiva, et reciproca ad transitivam reducuntur, ut postea patebit.

[...] a construção ou é transitiva ou é intransitiva. E essa divisão é suficiente, porque todas as espécies de construções são redutíveis a essas duas diferenças. Porque, as bitransitivas e as reflexivas são redutíveis à transitiva, como ficará claro a seguir (TOMÁS DE ERFURT, XLVII, 91).

Um exemplo de construção transitiva é:

(2) Vê Platão.

Em (2), “Platão” é determinante (*terminans*) e segundo (*secundum*) e “vê” é dependente e primeiro. Note-se que a forma “vê” supõe a existência de uma referência a outro referente, ou seja, aquele que vê Platão. De fato, é justamente a existência de outro referente que indica que a construção é transitiva, porque a ação de “ver” transita de um suposto para o outro.

A transitividade ou a intransitividade de uma frase não tem a ver com construções em que necessariamente existam verbos. O que define uma construção como intransitiva é o fato de esta fazer referência a uma e somente uma entidade ou conjunto de entidades no mundo. Ou seja, se os elementos que compõem uma construção não são correferenciais, essa construção será transitiva; por exemplo:

(3) Sócrates vê Platão⁵.

⁵ Ressalte-se que toda construção transitiva é, na verdade, complexa: “Sócrates vê Platão” pode ser analisada como “Sócrates vê” e “Vê Platão”. A primeira dessas construções é intransitiva e simples (faz uma referência direta a uma e somente uma substância no mundo), a segunda, embora não faça referência

Em (3), “Sócrates” e “Platão” referem-se a substâncias diferentes, portanto, (3) é uma construção transitiva.

Além dos pares “determinante-dependente” (*terminans-dependens*) e “primeiro-segundo” (*primum-secundum*), há uma terceira dicotomia importante para a compreensão da sintaxe modista: *primum* (“anterior”) e *posterius* (“posterior”). Nesta dicotomia, o *primum* (“anterior”) do par de elementos que compõem uma construção (que é sempre de tipo “item-a-item”) é um nominal (nome, pronome ou particípio) e faz referência a uma substância no mundo para a qual o discurso converge. Essa substância para a qual o discurso converge é aquela que aparece por primeiro no universo do discurso e corresponde ao núcleo da construção. Assim, na relação *primum-posterius*, em (1), o *primum* é Sócrates. A forma verbal *currit* (“corre”) é o *posterius* da construção, porque veicula uma informação acidental, secundária, posterior a respeito de Sócrates. Note-se que, em (1), “corre” poderia ser substituído por outro verbo, particípio ou adjetivo sem alteração no caráter básico da construção, ou seja, ser uma afirmação a respeito da substância “Sócrates”⁶.

Enquanto o cruzamento das dicotomias “determinante-dependente” e “primeiro-segundo” define a transitividade da construção, a distinção “anterior-posterior” mostra qual dos construtíveis é hierarquicamente mais importante. Por conseguinte, de acordo com a dicotomia *primum-posterior*, o *primum* (“anterior”) será sempre o determinante (*terminans*) da construção; logo, o anterior será sempre o núcleo da construção, não importando a posição linear que ocupe.

Todas as regras de funcionamento sintático das palavras na sintaxe modista são derivadas de um único princípio: uma parte do discurso depende semanticamente de outra parte do discurso. Como consequência disso, no *Tratado sobre os modos de significar*, de Tomás de Erfurt, qualquer discurso é analisado em uma relação de tipo: “a parte x depende da parte y”:

Et illud est in omni constructione constructibile primum, quod post se dependet ad obliquum; illud vero secundum, quod ante se dependet ad suppositum. Illud est etiam secundum, quod dependet ad determinabile. Et ratio horum est, quia illud, quod post se dependet ad obliquum, dependet ad ipsum ut ad terminum et ultimum; quod autem ante se dependet ad suppositum dependet ad ipsum ut ad principium et ad primum; quod autem dependet ad suum determinabile dependet ad aliquid prius se; determinatio autem, et dispositio rei, est posterior ipsa re.

Em toda construção, há um construtível primeiro que depende de um oblíquo depois de si e um segundo, que depende de um suposto antes de si. De fato, o segundo é aquele que depende do suposto que está antes de si. Será segundo porque depende de um determinável. É a razão disso é que aquele que depende de um oblíquo depois de si, depende dele como término e último, e aquele que depende de um suposto, depende deste como princípio e primeiro. Ademais, aquele que depende de seu determinável, depende de algo anterior a si. Ora, a determinação e a disposição da coisa é posterior à própria coisa. (TOMÁS DE ERFURT, XLVII, 91).

De acordo com o princípio de análise apresentado acima, uma sequência como:

(4) *Albus Socrates currit bene*.

direta a qualquer substância particular além de Platão, é transitiva e complexa, pois há um ele ou ela que vê Platão.

⁶ Observe-se que essas três dicotomias são aplicações para fins gramaticais da dicotomia “substância-acidente”. Esse uso de dicotomias da lógica e da metafísica aristotélicas em explicações gramaticais é comum por parte dos modistas.

[O pálido Sócrates corre bem.]⁷

Pode ser analisada em três construções:

(5) *Albus Socrates* (em que *Albus* depende de *Socrates*).

(6) *Socrates currit* (em que *currit* depende de *Socrates*).

(7) *Currit bene* (em que *bene* depende de *currit*).

Ou seja, para cada construção, há um termo dependente, que Tomás de Erfurt chama de aposto (*appositum*) e um termo independente ou determinante, que o mesmo gramático denomina suposto (*suppositum*). O suposto de uma construção é sempre o termo que faz a referência mais direta a uma substância no mundo. Nesse sentido, em “Corre bem”, “bem” é o aposto de “Corre”, porque o número e a pessoa indicados em “Corre” referem-se diretamente a um referente no mundo, a saber: a uma substância; enquanto “bem” refere-se à qualidade da ação dessa substância.

Na metafísica pressuposta pelos modistas, a existência de uma entidade ou substância precede quaisquer de seus atributos ou acidentes: se não há substância não há acidentes e nunca pode haver acidentes sem o nexos de uma substância. Sócrates é Sócrates antes de ser pálido, filósofo, ateniense, sábio, etc. Como a classe dos nomes é constituída de palavras que fazem referência a substâncias no mundo, em qualquer frase em que haja um nome substantivo, esse nome será visto como a parte do discurso de que outras partes dessa frase dependem.

Na ontologia modista de Tomás de Erfurt, mais fundamental que a distinção “substância-acidente” é a distinção entre o *ens* (o “existir” de uma substância particular) e o *esse* (o “existir desta ou daquela forma”, que se refere aos acidentes/características de uma substância particular). Quando transferida à sintaxe, essa distinção ontológica correlaciona-se com a diferença entre o modo de significar o *ens* (o ser) por si mesmo, que é denotado, por exemplo, por um nome substantivo como “Sócrates”, e o modo de significar a ligação de um verbo como “corre” com um nome substantivo. Ou seja, a diferença entre “Sócrates” e “corre” é análoga à distinção entre *ens* (a existência pura e simples), que é predicável de substâncias como Sócrates, e o *esse* (ser isto ou aquilo), que corresponde a todos os demais atributos de substâncias como Sócrates. Outros acidentes similares a “corre” poderiam ser atribuídos a Sócrates: “ser ateniense”, “ser condenado”, “estar saudável”, “estar deitado” etc., mas o “ente” (*ens*) de Sócrates é um atributo primário (um predicável) anterior a todos os predicados possíveis para esta substância “Sócrates”. Por sua generalidade, a filosofia medieval chamou o predicável *ens* (ente) de transcendental.

A importância fundamental da distinção *ens-esse* para a compreensão da sintaxe modista, do ponto de vista da *Gramática especulativa* de Tomás de Erfurt, é transparente na diferenciação entre os modos essenciais do participio e do verbo, em que Tomás de Erfurt deixa claro aquilo que o verbo tem de próprio, como classe de palavras e parte da frase:

Modus significandi generalissimus essentialis verbi est modus significandi rem per modum esse, et distantis a substantia. Ad cuius intellectum est notandum, quod licet uterque modus, scilicet esse et distantis, sit forma verbi absolute sumpti, tamen comparando verbum ad participium,

⁷ Essa é uma das ocorrências originais de Tomás de Erfurt (BURSILL-HALL, 1971; 1972; 1995; COVINGTON, 1984; BORGES NETO; DASCAL, 2004).

modus esse habet rationem materiae, respectu verbi, quia facit verbum cum participio convenire; sed facere convenire est proprietas materiae; modus autem distantis habet rationem formae, quia facit verbum ab omnibus aliis distare et differre. Et quia alia est ratio materiae, et alia ratio formae, ideo componendo unum cum altero, ex utroque resultat unus modus, per naturam compositionis. O modo de significar essencial mais geral do verbo é o modo de significar a coisa por meio do modo do ser [*modus esse*] e (do modo) do distar da substância. Para entender essa definição, é necessário observar que, quando o verbo é comparado ao participio, embora tanto o modo do ser quanto o do distar sejam a forma do verbo em sentido absoluto, nota-se que o modo do ser cumpre o papel de matéria com respeito ao verbo e faz com que o verbo e o participio tenham características comuns. De fato, ter características comuns é uma propriedade da matéria. O modo do distar cumpre o papel de forma, porque faz o verbo distanciar-se e diferir de todas as outras classes de palavras. É como um é o papel da matéria e outro o da forma, de sua complementaridade resulta um único modo, por meio de uma composição (TOMÁS DE ERFURT, XXV, 44).

Portanto, embora tanto o participio quanto o verbo tenham o modo do ser, e, assim, façam referência aos acidentes da substância, o verbo possui adicionalmente o modo de distar (*modus distantis*), que o separa tanto do participio quanto das demais classes de palavras. O modo de distar indica, de fato, a separação do verbo, que corresponde ao *esse*, do suposto, que corresponde ao *ens*.

A noção de dependência sintática, *mutatis mutandis*, reaparece na ideia de uma *hiérarchie des connexions* para as partes do discurso das sentenças, nas reflexões do linguista francês Lucien Tesnière (1893-1954) em seus *Éléments de syntaxe structurale* (1965). Embora os princípios de análise de Tesnière pareçam-se com as noções sintáticas de Tomás de Erfurt, deve-se observar, em primeiro lugar, que os modistas não representavam suas análises sintáticas esquematicamente, como o faz Tesnière com seus *stemmates*.

Há outra diferença, de caráter metafísico: os modistas justificam sua escolha do nome substantivo como núcleo ou elemento mais importante das construções ao interpretarem que o nome é a categoria linguística que mais corresponde às coisas reais ou concretas do mundo. Nesse sentido, quando um modista diz “cadeira”, pensa que esse nome corresponde a um conceito mental de uma coisa concreta, ou seja, que há no mundo coisas cuja soma de propriedades (modos de ser) correspondem ao que se entende por “cadeira”. Portanto, de acordo com a teoria modista, se a linguagem corresponde à realidade, o elemento da linguagem em que essa correspondência é mais completa é a classe dos nomes das coisas reais e, conseqüentemente, os nominais (nome, pronomes e participios) devem ser considerados os núcleos das construções de que fazem parte.

Tesnière difere de Tomás de Erfurt e dos modistas nesse ponto, pois entende que o verbo e não o nome é normalmente, embora nem sempre, a categoria hierarquicamente mais importante na construção das frases. Para ele, o verbo funciona como um cenário ou palco em que os outros elementos são como que os atores de uma peça teatral. Carone (2006, p. 61), que adota o modelo de análise sintática da gramática de dependências de Tesnière, entende que o verbo é “o centro gramatical da oração: é nele que se localizam os morfemas frasais”.

Todavia, embora o nódulo verbal da sintaxe de Tesnière seja geralmente o elemento para o qual todos os outros elementos convergem, essa convergência não é dirigida sempre para um elemento verbal (implícito ou explícito) em todas as sentenças:

O nódulo dos nódulos é geralmente o nódulo verbal, de acordo com os exemplos citados até aqui. Mas nada impede que uma frase tenha por nódulo central um nódulo substantivo,

adjetivo ou adverbial. Isso ocorre com frequência, sobretudo na conversação do dia a dia e nos títulos de obras literárias. (TESNIÈRE, 1965, p. 15, tradução nossa)⁸

Tesnière sugere que pode haver línguas em que não haja distinção entre verbos e substantivos. Na verdade, o que ele postula como universal linguístico é uma montagem (*agencement*) de um ou vários nódulos como estrutura de base de qualquer língua natural (TESNIÈRE, 1965).

A finalidade do discurso: um julgamento da mente

Para concluir sua discussão sobre sintaxe, Tomás de Erfurt utiliza uma doutrina da metafísica de Aristóteles, que pode ser resumida assim: no mundo, há quatro causas ou princípios para todas as coisas que são produzidas (TOMÁS DE ERFURT, XLV, 88-9⁹). Esses quatro tipos de causas gerais para a existência atual das coisas que são produzidas são as causas material, formal, eficiente e final dessas coisas.

Para entender a ideia por trás dessa postulação de quatro causas gerais para a existência das coisas que são produzidas, basta um exemplo simples: ao esculpir uma estátua de mármore, um escultor necessita de uma quantidade de um determinado tipo de mármore (causa material), precisa ter em mente um plano de execução para sua obra (causa formal), tem de, efetivamente, fazer seu trabalho (causa eficiente) e, por fim, precisa ter uma motivação para produzir seu trabalho (causa final).

Tomás de Erfurt utiliza a doutrina das quatro causas para explicar os princípios gerais que permitem que uma construção seja gramatical e completa. Esses princípios, que são chamados de *principia construendi* (princípios de construir), são representados no quadro a seguir:

Quadro 1. As quatro causas da construção

MATERIAL	<i>constructibilia</i> (construtíveis): palavras com estatuto de partes do discurso.
FORMAL	<i>unio constructibilium</i> (combinação dos construtíveis): é a combinação dos modos de significar das partes a partir de seu emparelhamento.
EFICIENTE	(a) INTERNA: em que coatuam os modos de significar das partes do discurso envolvidas (seus modos de significar acidentais respectivos): o caso, o tempo, o gênero, o número, etc. (é a dimensão automática das relações porque não exige julgamento). (b) EXTERNA: é a ação do intelecto humano que constrói as sentenças por meio do julgamento.
FINAL	A enunciação de um julgamento ou expressão de um conceito composto/completo da mente (reduzível a uma proposição de tipo “sujeito + predicado”).

⁸ “Le noeud des noeuds est généralement un noeud verbal, ainsi qu’il ressort des exemples cités jusque’ici. Mais rien n’empêche, qu’une phrase ait pour central un noeud substantival, adjectival ou adverbial. Le cas est surtout fréquent dans la conversation courante et dans les titres d’ouvrages littéraires”.

⁹ Os algarismos romanos indicam os capítulos, as páginas do *Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa*, de Tomás de Erfurt, são indicadas pelos algarismos hindu-arábicos.

Tomás de Erfurt explica que essas quatro causas ou princípios regem o processo lógico, linear e cumulativo da formação, expressão e compreensão de um julgamento completo por parte do intelecto. Assim, a causa formal e a eficiente interna pressupõem a causa material, a causa eficiente externa e a final pressupõem as causas formal e eficiente interna.

Cada uma das fases do processo que leva ao discurso completo é chamada de *passio* (“fase”). A causa material constrói a primeira fase do discurso completo, que é chamada de construção (*constructio*). A *constructio*, que é a primeira *passio* (“fase”), é o emparelhamento de duas partes do discurso. A primeira das duas partes é chamada de suposto (um categoremático) a outra de aposto (um termo dependente). Covington (1984, p. 62) chama essa primeira fase de “pairing of words”.

A *constructio* (construção simples), composta de um par de partes do discurso, é pressuposta pelas outras causas, já que não há discurso sem palavras. Todavia, duas palavras juntas não formam necessariamente uma construção gramatical: “*Sócrates correm”, por exemplo, é agramatical. Consequentemente, há uma segunda fase (*passio*), que responde às causas formal e eficiente interna do discurso, que Tomás de Erfurt denomina gramaticalidade (*congruitas*). A gramaticalidade é o resultado de um processo automático de concatenação entre os modos de significar das partes do discurso, as quais precisam estar em conformidade (*conformitas*) para que a construção seja gramatical.

A completude (*perfectio*) é a última das três disposições (*passiones*) do discurso. A completude é constatada pela possibilidade de uma construção transmitir um conceito completo da mente do emissor para a mente do interlocutor: “[...] signum perfectionis constructionis est generare perfectum sensum in animo auditoris [...]” [“o sinal da completude da construção é gerar um sentido completo na mente do ouvinte”] (TOMÁS DE ERFURT, LIV, 117). Esse sentido completo significa que o significado de uma construção completa precisa ser sempre, de alguma forma, verificável no mundo, ou seja, deve afirmar ou negar algo (*quid*) sobre alguma coisa (*alterum*) no mundo. Nesse sentido, Covington (1984, p. 71, tradução nossa) chama a atenção para a função comunicativa da completude como um diferencial explicativo da teoria modista e como ponto de consenso entre os modistas:

Um ponto a respeito do qual todos os modistas concordam é que a completude da frase se define por sua capacidade de desempenhar uma função comunicativa: expressar um conceito composto e, portanto, transmitir um pensamento completo ao interlocutor. Ou seja, para os modistas, a frase completa tem uma base funcional que não se define por regras arbitrárias de boa formação como $S \rightarrow NP VP$ de Chomsky.¹⁰

A exposição dessa dimensão funcional das construções sintáticas, que completa a descrição da sintaxe latina do *Tratado sobre os modos de significar*, foi, sem dúvida, um dos objetivos do programa modista. Tomás de Erfurt atingiu esse objetivo com sucesso.

¹⁰.”One point on which all the Modistae agree is that the completeness of the sentence is defined by its ability to carry out its communicative function, which is to express a compound concept and thereby convey a complete thought to the hearer; that is, for them, the concept ‘complete sentence’ has a functional basis rather than being defined by an arbitrary formation rule like Chomsky’s $S \rightarrow NP VP$ ”.

Considerações finais

De acordo com o que foi discutido neste artigo, é possível concluir que a teoria sintática dos modistas é uma tentativa consciente de síntese entre aristotelismo medieval e tradição gramatical.

Observa-se nas teorias modistas uma busca de relações proporcionais que gerem organicidade para essas teorias: a discussão sobre as fases (*passiones*) da formação e expressão de um julgamento completo é exemplo disso. Ademais, pode-se afirmar que a sintaxe modista pressupõe uma ontologia realista moderada: há uma busca constante por correspondências entre os fenômenos da linguagem e a interpretação da realidade como transmitida pelo *corpus* lógico-metafísico aristotélico medieval.

Outra conclusão a que se pode chegar é que a sintaxe modista fundamenta-se em uma abordagem psicológica da linguagem: as entidades teóricas são entendidas como realidades mentais. Nesse sentido, os modistas veem o funcionamento de uma língua natural como uma janela para o entendimento da mente humana e para uma compreensão metafísica dos modos de ser (aspectos universais) do mundo. Como resultado disso, para os modistas, a gramática não é apenas uma propedêutica para o estudo da retórica e da lógica, como propunha a tradição do *trivium* que remontava a Quintiliano (séc. I d.C.), mas é, antes de tudo, uma *scientia sermonicalis*. De fato, a gramática é, para os modistas, a primeira das ciências do discurso, porque é somente por meio de uma compreensão adequada do funcionamento da linguagem que se podem fazer afirmações precisas sobre o intelecto, o mundo e a própria linguagem.

Os pressupostos conceptualistas do modismo serviram de combustível para as críticas de um grupo de estudiosos da linguagem que foi contemporâneo dos modistas: os nominalistas. Houve um pensador nominalista de grande prestígio no século XIV, Guilherme de Ockham, que rejeitava quaisquer entidades teóricas não referenciáveis no mundo. Como os modos de significar não possuíam base empírica, do ponto de vista da navalha de Ockham, eram indefensáveis.

Com o crescimento do movimento nominalista e a ascensão do humanismo, o modismo dos séculos XIV, XV e XVI foi marginal e não há registros de novas ideias modistas depois do tratado de Tomás de Erfurt (ca. 1310).

REFERÊNCIAS

ANSELMO. O gramático. In: NUNES, R. A. da C. (Tradução). *Os pensadores*: Santo Anselmo de Cantuária: Monológio, Proslógio, A Verdade, O gramático; Pedro Abelardo: lógica para principiantes, história das minhas calamidades. São Paulo: Abril, 1979. p. 172-197.

ARISTÓTELES. Metafísica. In: YEBRA, V. G. (Ed.). *Metafísica de Aristóteles*. Madrid: Gredos, 1970.

_____. *Órganon*: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2010.

- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- BORGES NETO, J.; DASCAL, M. De que trata a lingüística afinal? In: BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 31-65.
- BURSILL-HALL, G. L. *Speculative grammars in the High Middle Ages: the doctrine of the partes orationis of the modistae*. The Hague-Paris: Mouton, 1971.
- _____. *Grammatica speculativa of Thomas of Erfurt*. London: Longman, 1972.
- BURSILL-HALL, G. L. Linguistics in the Later Middle Ages. In: BURSILL-HALL, G. *Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press: Cambridge, 1995. p. 130-137.
- CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2006.
- COELHO, O.; HACKEROTT, M. M. S. Historiografia Linguística. In: GONÇALVES, A. V.; GOIS, M. L. de S. *Ciências da linguagem: o fazer científico?* v. 1. São Paulo: Mercado das Letras, 2012. p. 381-407.
- COVINGTON, M. A. *Syntactic theory in the high middle ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- DE LIBERA, A. *A filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998.
- DUNS SCOTUS, J. *Opus Oxoniense*. In: NASCIMENTO, C. A. do. (Tradução). *Os pensadores: Tomás de Aquino, Dante, Duns Scot, Ockham: seleção de textos*. São Paulo: Abril, 1979. p. 239-344.
- JESPERSEN, O. *The philosophy of grammar*. London: George Allen & Unwin Ltda, 1951 [1924].
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MURRAY, S. O. Theory groups in science. In: *Theory groups and the study of language in north America: a social history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. v. 69. p. 1-26.
- PRISCIANO. *Institutiones grammaticae*. In: KEIL, H.; HERTZ, M. (Ed.). *Grammatici Latini: Prisciani institutionum grammaticarum libri i-xviii*. Leipzig: Teubner, 1855.
- ROSIER, I. *La grammaire spéculative des modistes*. Lille: Presses Universitaires, 1983.
- ROSIER-CATACH, I. Roger Bacon and grammar. In: HACKETT, J. (Ed.). *Roger Bacon and the sciences: commemorative essays*. New York: Brill, 1997. p. 67-102.
- SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografia de la lingüística. In: *NUEVAS APORTACIONES A LA HISTORIOGRAFÍA LINGÜÍSTICA*, 4: 2003, La Laguna. Actas... La Laguna: ARCO/LIBROS, S. L., 2004. p. 113-45.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe stucturale*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1965 [1959].

TOMÁS DE ERFURT. Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa. In: BECCARI, A. J. *Uma tradução da grammatica speculativa, de Tomás de Erfurt, para o português*: acompanhada de um estudo introdutório, notas e glossário, 2013. 500 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Recebido em: 06/09/2016

Aprovado em: 19/03/2017